

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Abel Pereira direcção musical

30 Jul 2021 - 19:30 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Abel Pereira sobre o programa do concerto.
[VIMEO.COM/577567320](https://vimeo.com/577567320)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Aaron Copland

Fanfare for the Common Man (1942; c.4min)

Richard Strauss

Serenata para sopros, op. 7 (1881; c.10min)

Edward Elgar

Serenata para cordas, op. 20 (1892; c.12min)

1. Allegro piacevole
2. Larghetto
3. Allegretto

Felix Mendelssohn

Sinfonia n.º 4 em Lá maior, "Italiana", op. 90 (1833; c.28min)

1. Allegro vivace
2. Andante con moto
3. Con moto moderato
4. Saltarello: Presto

Aaron Copland

NOVA IORQUE, 14 DE NOVEMBRO DE 1900

NOVA IORQUE, 2 DE DEZEMBRO DE 1990

Fanfare for the Common Man

Filho de imigrantes judeus conservadores de origem lituana, Aaron Copland nasceu em 1900 em Brooklyn, Nova Iorque. Cresceu nesse bairro com a família, num apartamento por cima da loja de livros dos seus pais. Apesar de o pai não ter interesse em música, a sua mãe cantava e tocava piano, dando lições de música aos filhos. Aos 15 anos, Copland decide ser compositor e estuda, a partir dos seus 17 anos, com Rubin Goldmark (o qual deu algumas lições a Gershwin). Copland parte para Paris em 1921, cidade onde vai mais tarde estudar com a notável professora Nadia Boulanger. No regresso a Nova Iorque, completa a sua primeira grande encomenda, a *Sinfonia para órgão e orquestra* (1924), contando com a própria Boulanger como solista. Na busca de uma identidade americana, Copland inspirar-se-ia, ao longo da sua vida, no jazz e na música popular. Entre as suas obras mais populares destacam-se *El Salón Mexico* (1936), a suite *Appalachian Spring* (1944) — a qual lhe valeu o Prémio Pulitzer para a Música em 1945 — e a Terceira Sinfonia (1946). O desenvolvimento da indústria cinematográfica nos EUA criou boas oportunidades para Copland, que compôs música para filmes tais como *Of Mice and Men* (1939) e *The Heiress* (1949, valendo-lhe um Óscar da Academia). Viria a adoptar mais tarde o método serial de Schoenberg — por exemplo, nas peças *Piano Fantasy* (1957) e *Inscape* (1967) —, que alternaria com técnicas mais conservadoras.

A *Fanfare for the Common Man* foi completada em 1942 e estreada em 1943. Surgiu de uma encomenda do director musical da

Orquestra Sinfónica de Cincinnati, Eugene Goossens, solicitando um tributo musical àqueles que travavam a Segunda Guerra Mundial. Apesar de Goossens ter inicialmente solicitado uma fanfarrinha “para os Soldados, ou para os Aviadores e Marinheiros”, Copland inspirar-se-ia num discurso proferido pelo então Vice-Presidente dos EUA, Henry A. Wallace, na Primavera de 1942: “I say that the century on which we are entering, the century which will come out of this war, can be and must be the century of the common man.”¹ Copland diria mais tarde: “It was the common man, after all, who was doing all the dirty work in the war and the army. He deserved a fanfare.”²

Em termos musicais, uma fanfarrinha é uma peça cerimonial para metais e percussão, usualmente curta, e tipicamente melódica. A presente fanfarrinha não foge a essa regra. Tendo em conta a época, não podemos deixar de ouvir uma mensagem de coragem, renovação de força anímica e até optimismo. Mas há outra dimensão importante que se revela na audição: não esquecendo que esta é afectada pelo nosso contexto e memória cultural, podemos facilmente estabelecer ligações com a arte cinematográfica americana. Certamente, o célebre compositor John Williams não foi indiferente a esta fanfarrinha, cuja influência pode sentir-se, entre outras peças, naquela que serve de tema principal do filme *Super-Homem* (1978). Variadíssimas ocasiões solenes do mais alto nível têm sido pontuadas com esta peça, sobretudo nos EUA e no Reino Unido.

¹ “O século no qual agora entramos, o século que resultará desta guerra, pode e deve ser o século do homem comum.”

² “Era o homem comum, afinal, que fazia todo o trabalho sujo na guerra e nas forças armadas. Merecia uma fanfarrinha.”

Richard Strauss

MUNIQUE, 11 DE JUNHO DE 1864

GARMISCH, 8 DE SETEMBRO DE 1949

Serenata para sopros, op. 7

Richard Strauss nasce em 1864, filho de Franz Strauss, importante trompista na Orquestra da Corte de Munique, Alemanha. O talento musical manifestou-se cedo e, aos dezoito anos, Strauss tinha já composto cerca de 140 peças, incluindo 59 *lieder* e várias obras de câmara e para orquestra. Strauss admirava Wagner, algo que mantinha em segredo do seu pai, crítico do compositor. Hans von Bülow encomendou ao jovem compositor a *Suite para 13 madeiras* (1884) para a Orquestra de Meiningen, obra que o próprio Strauss dirigiu. A partir daí, o sucesso enquanto maestro foi acompanhando o sucesso enquanto compositor. Strauss viria a dirigir algumas das mais importantes orquestras alemãs e austríacas. *Aus Italien* (1886) é o seu primeiro poema sinfónico, género que, juntamente com a ópera, viria a celebrizá-lo. A fama internacional veio um pouco mais tarde com *Don Juan* (1888, também um poema sinfónico), dirigido pelo próprio em Weimar. *Morte e Transfiguração* (1889) sucede a *Don Juan*, tornando Strauss, definitivamente, um líder modernista. Em 1904, estreia a sua *Sinfonia Doméstica* (1903) no prestigiado Carnegie Hall com a Orquestra Sinfónica Wetzler, aquando duma importante tournée nos EUA, que fez acompanhado pela sua mulher, a soprano Pauline de Ahna. *Also sprach Zarathustra* (1896) e a ópera *Salomé* (1905) viriam a tornar-se algumas das obras mais famosas do compositor.

A Serenata para sopros, op. 7, é uma peça composta em 1881 (de juventude, portanto) e estreada em Dresden em 1882, sob a batuta de Franz Wüllner. É dedicada a Wilhelm Meyer,

professor de composição de Strauss no período 1875-80. Embora tenha sido escrita muito antes do seu primeiro poema sinfónico de maturidade, *Don Juan*, a Serenata surge quando no catálogo do compositor já figuravam uma sinfonia, um quarteto de cordas, uma sonata para piano e uma marcha orquestral, entre outras. Género musical próximo do divertimento e inicialmente vocal, a serenata foi, no período clássico, gradualmente suplantada pela serenata instrumental. São peças tipicamente executadas à noite ou durante eventos sociais. É razoável afirmar que Strauss foi influenciado pela musicalidade do seu pai Franz Strauss, exímio trompista, nesta peça de forma sonata clássica em Mi bemol maior, com relações tonais típicas. De compasso binário e andamento *Andante*, a peça inicia-se em dinâmica *piano*, surgindo o primeiro tema no oboé, harmonizado pelos clarinetes e fagotes. É um tema de carácter doce e aveludado, lírico. O segundo tema, precedido de uma modulação ao modo menor da tonalidade principal, tem um carácter mais galante e figuração rítmica mais rápida. Segue-se não um verdadeiro desenvolvimento, mas sim um episódio baseado no segundo grupo temático da exposição, em Si bemol menor. De referir, por fim, o momento especial reexpositivo do tema principal, agora tocado pelas trompas e constituindo, porventura, uma saudação ao pai do compositor.

Edward Elgar

BROADHEATH, 2 DE JUNHO DE 1857

WORCESTER, 23 DE FEVEREIRO DE 1934

Serenata para cordas, op. 20

Edward Elgar nasce em 1857, em Broadheath, perto de Worcester, Inglaterra. Filho de William Henry Elgar — violinista e afinador de pianos profissional; proprietário também de uma loja de partituras e de instrumentos —, recebe lições de violino desde os oito anos. Aos dezasseis, começa a trabalhar como violinista, organista, fagotista e professor, compondo abundantemente. As suas peças mais importantes surgiram, no entanto, após os seus 40 anos de idade. Permanecendo na continuidade do Romantismo, o seu estilo mais característico aparece com as *Variações Enigma* (1899), sendo também importantes e famosas as suas marchas *Pompa e Circunstância* (1901). Compôs relevantes obras para vozes e orquestra, entre as quais figuram oratórias como *The Dream of Gerontius* (1900, que após as *Variações* catapultou Elgar para o sucesso), *The Apostles* (1903) e *The Kingdom* (1906), estas últimas fazendo parte de uma trilogia nunca acabada. Composições orquestrais como a Primeira Sinfonia (1908), o Concerto para violino (1910) e a Segunda Sinfonia (1911) são obras de peso que consolidaram a reputação do compositor. O importantíssimo Concerto para violoncelo (1919), composto após a Primeira Grande Guerra, viria a tornar-se uma peça essencial do repertório do instrumento em todo o mundo.

A Serenata para cordas em Mi menor (1892) diverge da Serenata de Strauss desde logo pela sua estrutura em três andamentos. Escrita para cordas, e não para sopros, os seus materiais musicais mais antigos datam de 1888, indicando que o compositor foi trabalhando nas ideias ao

longo de cerca de três anos. A estreia coube à *Worcester Ladies' Orchestral Class*, dirigida pelo próprio compositor, em privado, ainda no ano de 1892. O primeiro andamento — *Allegro piacevole* (agradável) — desenrola-se em forma ternária (ABA) assente em compasso composto. Esta métrica sugere uma raiz dançante, porventura relacionada com o contexto campestre inglês. Atente-se no motivo inicial, nas violas, em *staccato* — motivo que vai permeiar todo o andamento dando-lhe consistência —, mas também na melodia que se lhe segue, engrossada harmonicamente. São estes os ingredientes principais da primeira secção do andamento, sendo que na segunda temos, ao invés, sobretudo melodia acompanhada: há, frequentemente, uma voz que sobressai nos violinos, instrumentos protagonistas por natureza. A forma fecha-se sobre si própria na secção reexpositiva final.

O segundo andamento — *Larghetto* — mostra bem o 'pulmão' romântico de Elgar. De um poder lírico que nos lembra Bruckner, é também uma das peças mais populares do compositor. A sua forma em arco — ABCBA — confere-lhe uma aura especial que se alia à simplicidade da tonalidade de Dó maior. Podemos arriscar dizer que não há uma melodia mais fraca: todas elas são bem constituídas, descrevendo um belo arco no seu desenrolar individual e cadenciando de forma extremamente bem controlada e expressiva. O terceiro andamento — *Allegretto* em Sol maior — traz um ânimo refrescante e dançante, em métrica de divisão ternária. Sendo o mais pequeno dos três, é construído sobre a ideia de fazer retornar alguns materiais dos andamentos anteriores. Podemos dizer que é episódico, sustentando uma atmosfera que nunca se adensa. Fica assim liberta a tensão lírica criada pelo *Larghetto*.

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 3 DE FEVEREIRO DE 1809

LEIPZIG, 4 DE NOVEMBRO DE 1847

Sinfonia n.º 4 em Lá maior, “Italiana”, op. 90

Felix Mendelssohn nasceu em 1809 em Hamburgo, Alemanha. Um dos grandes expoentes do Romantismo germânico da primeira metade do séc. XIX, foi, para além de compositor, pianista, organista e maestro. Neto do filósofo Moisés Mendelssohn, cresce numa destacada família judaica, sendo mais tarde baptizado como cristão reformado. Apesar de muito cedo se ter revelado um prodígio musical, não foi sujeito a capitalização, facto que certamente protegeu o desenvolvimento do seu talento. Da sua produção musical destacam-se as cinco sinfonias, o importante Concerto para violino em Mi menor (1844), quatro concertos para piano e orquestra, assim como uma série de obras de câmara e para piano solo. São exemplos disso os quartetos de cordas, com destaque para o Quarteto n.º 6 (1847), composto após a morte da sua irmã, e os dois trios com piano. Duas oratórias e inúmeros *lieder* são também importantes elementos no catálogo do compositor. Finalmente, é importante lembrar que Mendelssohn é tido como um dos principais responsáveis pelo reavivar do interesse pela música de J. S. Bach, tendo sido da maior relevância a sua performance da *Paixão segundo São Mateus* em 1829.

A Sinfonia n.º 4 em Lá maior, op. 90, foi composta em 1831-32, na sequência de uma viagem que o compositor realizou a Itália em 1830-31. Mendelssohn guardou as suas memórias numa série de esboços e aquarelas (era pintor amador), mas também em esboços musicais que viria a utilizar nesta sinfonia. Resultado de uma encomenda da Philharmonic Society of London,

a estreia teve um sucesso tremendo. Mendelssohn descreveria a peça como “a mais alegre que escrevi até agora... e a coisa mais madura que já alguma vez fiz”. Apesar disso, o processo de composição não foi o mais pacífico, estendendo-se para além da estreia sob a forma de revisões subsequentes.

O primeiro andamento — *Allegro vivace* — é brilhante, extrovertido, talvez evocativo de experiências alegres passadas em Veneza. A melodia principal nos violinos é enérgica e leve, fazendo-se acompanhar de um tecido de nota rápida repetida nas madeiras. Podemos, certamente, ouvir uma forte influência beethoveniana, quer no discurso musical e na orquestração clara quer nos desenvolvimentos locais recorrentes. Há uma fluidez no tratamento dos materiais musicais que revela bem a destreza técnica do ainda jovem Mendelssohn. Excelente exemplo disso é o *fugato* que aparece sensivelmente a meio do andamento, na secção de desenvolvimento que precede a reexposição do tema principal.

O segundo andamento, em Ré menor, mais lento, é bem contrastante, espécie de marcha que alguns musicólogos associam às procissões testemunhadas pelo compositor em Roma durante a Semana Santa. Podemos apontar simplicidade e até alguma austeridade à construção musical, caracterizada por uma certa contenção na utilização de recursos discursivos musicais. Sem dúvida que há uma gestão criteriosa da elevada energia e do ânimo estabelecido no primeiro andamento. Em parte, essa gestão está pré-definida no género sinfonia, mas cabe sempre ao compositor lográ-la.

O terceiro andamento é um minueto que imediatamente nos traz Mozart à memória. Tal imagem desfaz-se à medida que o andamento progride, entrando em territórios particulares como aquele que é estabelecido pelo tema

tipo fanfarra ouvido nas trompas. Tem sido feita uma ligação entre a escrita deste minuetto e as formas simétricas da arquitectura que Mendelssohn avistou em Itália, possivelmente condensadas na imagem de um palácio florentino. É música bem medida, bem dividida, sem grandes sobressaltos dramáticos.

A energia massiva volta no quarto andamento, *Presto*, no qual abundam os ritmos de danças folclóricas, pintando musicalmente uma cena rural italiana. Em particular, podemos encontrar os elementos do *saltarello* (dança rápida medieval italiana em métrica ternária com um movimento de ‘pular’ característico) e da *tarantella*, ambas danças regionais, mas que são integradas com mestria na austeridade intelectual da composição sinfónica. Importa referir a velocidade alucinante das linhas musicais, requerendo da orquestra a sua mais cuidada interpretação assim como o maior talento dos seus instrumentistas. Trata-se de um *finale* efusivo com elevada probabilidade de gerar um forte aplauso das audiências.

GONÇALO GATO, 2021

Abel Pereira direção musical

Abel Pereira foi nomeado trompa principal da National Symphony Orchestra (Washington DC) em 2014, por Christoph Eschenbach. Desde a primeira vez em que se apresentou a solo, aos 11 anos, fez um percurso intenso de concertos e masterclasses em muitos festivais internacionais de música pelo mundo fora.

Diplomado pela ESMAE (Porto), sob a orientação de Bohdan Sebestik, prosseguiu os estudos de trompa na Alemanha com Marie-Luise Neunecker e concluiu um doutoramento em 2012. Foi premiado no Concurso Internacional de Trompa de Leeuwarden (Holanda), no Internationaler Instrumentalwettbewerb Markneukirchen (Alemanha), no Concertino Praga (República Checa), no Prémio Jovens Músicos (Portugal) e no European Master-Prize (Inglaterra), e ainda pelo Conservatório Souza Lima (Brasil) e pela Câmara Municipal de Arouca.

Abel Pereira foi membro fundador do Quinteto de Sopros ARZTIZ e do Quinteto de Metais do Porto, e Director Musical do Ensemble Português de Trompas. Tem sido convidado para tocar, ensinar e dirigir em alguns dos mais prestigiados festivais internacionais e escolas de música do mundo, entre os quais os festivais de Miami, Halcyon (New Hampshire), Stellenbosch, Besançon, Ossiach (Áustria), Salzburgo, BBC Proms, Diaghilev (Perm), Atenas, Baden-Baden, Berlim, Mainly Mozart (San Diego) e Schleswig-Holstein. Como solista, tocou mais de 60 concertos com muitas das principais orquestras do mundo.

Da sua discografia destaca-se a integral dos Concertos para trompa de Mozart, a versão 'Urtext' do Quarto Concerto de Mozart, repertório romântico para trompa e piano, o 1.º Concerto para trompa de R. Strauss e a Sinfonia Concertante de Mozart. Em 2001, gravou o 2.º

Concerto para trompa de Mozart para o programa televisivo da BBC "Mozart for Children".

Abel Pereira foi professor titular e convidado na ANSO (Lisboa), na ESMAE (Porto), na Royal College of Music e na Guildhall School of Music (Londres), nas Universidades de Miami, Indiana, Lynn, Memphis e Kansas, na UCLA, na Manhattan School of Music, no Curtis Institute e no Peabody Conservatory (Baltimore). Ocupou cargos de 1.º trompa ou 1.º trompa convidado na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, nas Sinfónicas de Barcelona, da Rádio de Frankfurt e de Dallas, na Orquestra de Câmara da Europa, na Orquestra MusicAeterna, nas Filarmónicas de Londres, Berlim e Los Angeles e na Orquestra de Filadélfia.

Paralelamente à sua carreira como trompista, Abel Pereira estudou direção coral com Gunter Argleb e direção de orquestra com Álvaro Salazar no Porto, aprofundando depois os seus conhecimentos com Colin Matters, Jorma Panula e Sir Colin Davis na Royal Academy of Music (Londres). Integrou o júri da European Union Youth Orchestra durante 10 anos. Fez assistência na Orquestra de Jovens de Ossiach (Áustria), no National Orchestra Institute (EUA), na National Youth Orchestra em Nova Iorque e em Schleswig-Holstein.

A sua experiência como maestro inclui actuações com as Sinfónicas de Noya, Riminni, Porto Alegre, Zadar, San Jose, Split, Málaga, Cidade do México e Porto Casa da Música, a Orquestra de Câmara de Vilnius, a Orquestra Nacional do Uruguai, a Orquestra de Jovens do Rio de Janeiro e a Orquestra de Tenerife. Em 2016 foi nomeado Director Musical da Eclipse Chamber Orchestra (EUA) e, desde 2017, é Maestro Principal da Kennedy Center Youth Orchestra e Director da Summer Music Institute Orchestra (National Symphony Orchestra) no Kennedy Center, Washington DC.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Grça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Criticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017) e Harrison Birtwistle (2020), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Alan Guimarães
Emília Vanguelova
Andras Burai

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Pedro Rocha
Mariana Costa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev

Viola

Mateusz Stasto
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Hazel Veitch

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Hrant Yerosyan
Bruno Cardoso
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

José Afonso Sousa*

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

